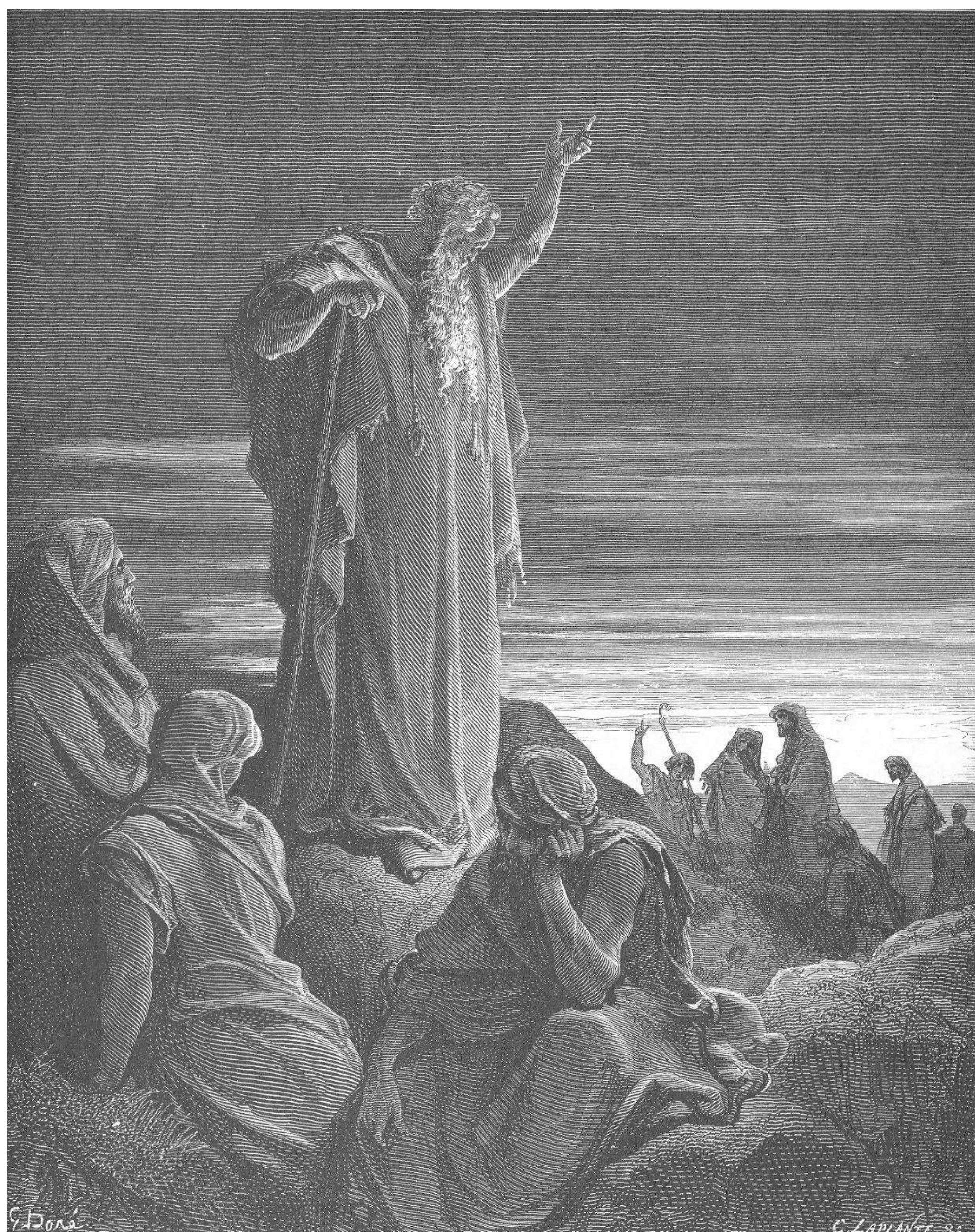
Homilia I sobre Ezequiel de São Gregório Magno (540-604)[1]

Trad. Gustavo Cambraia Franco



Gravura do Profeta Ezequiel, de Gustave Doré (1866)

[1] Versões utilizadas: J.-P. *Migne*. PL76, 1849; Les *Homélies* de *Saint Grégoire*, pape, sur *Ezéchiel*. trad. en français par Pierre LECLERc. Paris, Lottin, 1747, pp. 3-36.

LIVRO I

PREFÁCIO

Ao diletíssimo irmão, Bispo Mariano, de Gregório, Bispo e servo dos servos de Deus.

A multidão de obrigações que me acabrunham continuamente fez com que eu não mais pensasse nas Homilias sobre o profeta Ezequiel, que foram sendo escritas na medida em que eu as pregava diante do povo. Mas após oito anos, devido aos insistentes pedidos dos irmãos, retomei a leitura das páginas de nossos Escritores, e com a assistência de Deus, eu as revisei e corrigi, na medida em que as extremas aflições que nos pressionam de todas as partes me permitiam. Tua dileção me solicitou que eu as enviasse para que pudesses ler, não crendo que pudesse presentear-lhes com águas assim tão desprezíveis, pois que uma vez beberam, com satisfação, das águas claras e profundas destas duas torrentes, de Santo Ambrósio e Santo Agostinho. No entanto, como depois pensei, não se deve deixar de experimentar algum prazer no gosto de alimentos mais comuns, em meio de festins maiores, eu vos enviei esta obra pouco considerável, embora leia outras mais excelentes, afim de que, após ter tomado desse alimento grosseiro, do qual tu depressa terá desgosto, retorne com mais avidez àqueles alimentos deliciosos.

HOMILIA I

(A exposição do santo Doutor acerca do profeta começa pelos tempos e modos da profecia).

1. Inspirado por Deus onipotente a vos falar sobre o profeta Ezequiel, pareceu-me apropriado que, primeiro, devo explicar os tempos e os modos da

profecia, a fim de que, esclarecendo-a, conheçamos melhor as suas virtudes. A profecia contém três tempos, passado, presente e futuro. Mas é sabido que à dois destes tempos da profecia falta, etimologicamente, o caráter de proféticos. Pois, se tomamos o sentido da palavra *profecia* pela predição de coisas futuras, não parece que este nome possa convir às coisas nem do presente, nem do passado, pois que nelas o profeta não fala daquilo que deve acontecer, mas apenas reconta o que se passou ou o que está a se passar. No entanto, não devemos considerar inapropriado tomar estes três tempos como Profecia, pois nós as encontramos nas Escrituras divinas. Com efeito, foi uma profecia que dizia respeito ao futuro, quando disse Isaías: *Uma Virgem conceberá e dará luz a um filho* (Is 7, 14). Foi uma profecia do passado, quando Moisés disse: *No começo, Deus criou o céu e a terra* (Gen 1, 1), pois ele falava de um tempo no qual não havia ainda o homem, e foi uma profecia do presente, quando São Paulo disse: *Porém, se todos profetizarem, e entrar um infiel ou um não iniciado, por todos e convencido, por todos e julgado; as coisas ocultas do seu coração tornam-se manifestas e, assim, prostrado com a face por terra, adorará a Deus, declarando que Deus está verdadeiramente entre vós* (I Cor 14, 24-25). Dessa forma, quando o Apóstolo diz que "*as coisas ocultas do seu coração tornam-se manifestas*", ele demonstra perfeitamente que embora o espírito de profecia não prediga alguma coisa do futuro, ele mostra aquilo que está presente atualmente. Como podemos chamar de *profecia* algo que não se trata do futuro, mas do presente? Deve-se observar que o nome de profecia não convém às coisas como presentes, mas como ocultas, e assim pode-se muito bem chamá-las com esse nome, pois assim como o tempo nos oculta aquilo que é futuro, pode acontecer que, por outras razões, nos é ocultado aquilo que é presente. Com efeito, como aquilo que ainda não é está oculto no futuro, também aquilo que está no presente se encontra frequentemente oculto em nosso coração. É, ainda, uma profecia do presente quando o profeta descobre, não aquilo que está no coração, mas aquilo que se passou em algum lugar distante, de forma que seu espírito esteja presente em lugares nos quais seu corpo está ausente. Giezi,

por exemplo, estava bem longe do profeta Elizeu quando foi receber os presentes de Naamã. Ao mesmo tempo, o profeta lhe disse: *Não estava eu presente em espírito, quando aquele homem desceu do carro ao teu encontro?* (II Reis 5, 26).

2. Deve-se ainda observar que estes três tempos de profecias se apoiam, às vezes, uns nos outros para servir como uma prova muito maior; de sorte que, como se prova, por vezes, as coisas passadas pelas futuras, se prova, também, as futuras pelas passadas. Moisés, por exemplo, disse: *No começo, Deus criou o céu e a terra.* Mas quem crerá que seja verdadeiro o que se disse do passado, se não visse, ao mesmo tempo, o cumprimento daquilo que fora dito do futuro. É por isso que, no final do mesmo Livro, colocou-se uma profecia do futuro, que foi pronunciada pela boca de Jacó, da mesma forma que se colocou uma do passado no seu início. Eis o que disse Jacó: *O cetro não será tirado de Judá, nem o bastão soberano de entre os seus pés, até que venha aquele de quem é o mando, e a quem os povos devem obediência* (Gen 49, 10). Moisés, ainda, profetizou de sua própria boca este mesmo Messias para este mesmo povo, quando disse: *O Senhor teu Deus te suscitará um Profeta, dentre os teus irmãos. Ouvi-lo-á como a mim mesmo. Todos aqueles que não escutarem esse Profeta, será exterminado de seu povo.* (Deut 18, 15). Porque, então, este grande homem ajuntou coisas passadas com futuras na sua obra, senão para que quando vemos que aquilo que é dito do futuro foi cumprido, estaremos mais dispostos a crer, também, naquilo que foi dito do passado.

3. Após termos visto que as coisas preditas do futuro servem como prova das coisas ditas do passado, devemos, também, esclarecer pelas mesmas Escrituras, como o mesmo espírito das Escrituras prova as coisas futuras pelas coisas passadas. Certo rei da Babilônia[2], o qual teve um sonho com visões, fez vir até ele magos e adivinhos e convocou todos os sábios da Babilônia, aos quais ele não apenas exigiu a interpretação de seu sonho, mas também, o que era o

[2] Nabucodonosor II (604-562 a. C.).

seu sonho, de modo que coligindo e conhecendo os acontecimentos do sonho que pertenciam ao passado, pudesse ter, também, um conhecimento certo e seguro do que era dito acerca do futuro. Como nada puderam dizer sobre o sonho, Daniel foi chamado ao seu meio e, perguntado pelo rei do que se tratava o seu sonho e qual a sua interpretação, não apenas respondeu ao que lhe fora perguntado, mas, ainda, explicou qual era a própria origem do sonho, dizendo: *Tu, o rei, começaste a pensar, estando na tua cama, no que havia de acontecer no futuro, e aquele que revela os mistérios te descobriu as coisas que hão-de vir.* E um pouco mais adiante, acrescenta: *Tu, ó rei, estavas olhando, e eis que te apareceu uma grande estátua* (Dan 2, 29-31). Após relatar o que se passou no sonho, o profeta revela tudo aquilo que haveria de se suceder. Pensemos, por um momento, na ordem dessa profecia. Da cogitação e do pensamento veio o sonho, e do sonho veio as coisas futuras. Assim, a veracidade das predições futuras é comprovada pela certeza dos eventos passados. Quanto à profecia que pertence ao tempo presente, ela não necessita nem do passado, nem do futuro para se comprovar, pois que ela faz conhecer, pelos seus próprios termos, uma coisa que estava ocultada, e sua veracidade é atestada por aquilo mesmo que ela demonstra.

4. Terminado aquilo que trata dos tempos da profecia, devemos agora examinar seus modos. Pois o espírito de profecia não toca a alma do profeta a todo momento, nem da mesma forma. Este espírito divino, às vezes, toca a alma do profeta para lhe fazer conhecer as coisas presentes, sem, no entanto, lhe descortinar as futuras; às vezes, o espírito lhe faz penetrar no futuro, sem lhe manifestar o presente; e, algumas vezes, ele a dispõe de tal forma, que ele conhece ou o presente e o futuro, ou o passado, o presente e o futuro. Algumas vezes, este espírito toca o profeta para lhe mostrar o passado, sem nada lhe revelar do futuro, e algumas vezes, lhe toca para revelar-lhe o futuro, sem nada lhe mostrar do passado. Algumas vezes, ele revela uma parte do presente, e não lhe mostra tudo, e, por vezes, faz a mesma coisa com o futuro. Veremos agora

se podemos provar todas essas coisas, na mesma ordem em que as relacionamos com o testemunho das Escrituras.

5. Compreendemos, primeiramente, que o espírito de profecia toca a alma do Profeta pelo presente e não pelo futuro, pois lemos que São João Batista, vendo o Salvador vindo até ele, disse: *Eis o Cordeiro de Deus, eis aquele que tira o pecado do mundo* (Jo 1, 29). Mas estando próximo da morte, ele envia seus discípulos até o Salvador para lhe fazer esta pergunta: *Tu és aquele que haveria de vir, ou devemos esperar outro?* (Mt 11, 3). Por aquelas palavras ele testemunha que sabia bem que o Salvador tinha vindo sobre a terra, mas não sabia ainda se seria ele mesmo quem desceria até os infernos, para abrir as portas da prisão. Ele foi de tal forma tocado pelo espírito de profecia do presente, que vendo a Humanidade do Mediador, ele compreendeu, ao mesmo tempo, sua Divindade; e confessa que ele era o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. No entanto, este espírito não lhe deu a mesma visão do futuro, pois que ele ignorava sua descida aos infernos.

6. Algumas vezes, pelo contrário, este espírito de profecia toca a alma do Profeta pelo futuro, e não lhe toca pelo presente, como aparece no *Livro do Gênesis*, quando é dito que Isaac enviou seu filho Esaú para a caça, para lhe trazer algo para comer (Gen 27, 3), e Rebeca o substitui pelo seu filho mais novo, para que este recebesse a benção e, envolvendo suas mãos com as peles de cabrito, fez seu pai, que lhe tocava, acreditar que era seu irmão. De sorte que Isaac deu a sua benção ao caçula, pensando que a dava ao seu primogênito, predizendo-lhe muitas coisas que deviam acontecer no futuro, em um longo período de tempo, mas sem saber aquilo que se passava na sua presença naquele momento. Isto ocorre porque o espírito de profecia toca a alma do profeta pelo futuro, mas não lhe esclarece o presente, pois que lhe restando ainda um pouco de obscurecimento na vista interior, figurado por aquilo dos seus olhos

exteriores, ele penetra adiante, no futuro, e não reconhece qual era o filho que estava diante dele.

7. Também vemos pelo mesmo *Livro do Gênesis* (Gen 48) como Deus, às vezes, ilumina a alma do profeta, para lhe fazer conhecer, ao mesmo tempo, o presente e o futuro, pois foi dito que Jacó, estando no final da sua vida, José lhe apresentou seus dois filhos, a fim de que, pelos méritos de sua benção, eles fossem julgados dignos daquilo que não deveriam receber senão um longo tempo depois. José colocou seu filho primogênito do lado direito de seu pai, e o mais novo à esquerda (Gen 48, 10), e Jacó, que estava com os olhos obscurecidos por causa de sua extrema velhice, não podendo discernir pelos olhos do corpo que os dois pequenos filhos que lhe foram apresentados era ou o primogênito, ou o mais novo, cruzou seus braços, e colocou sua mão direita sobre o mais novo e a esquerda sobre o primogênito. Vendo José seus filhos, quis lhe impedir, dizendo: *Não está assim bem, pai, este aqui é o primogênito*; ao que Jacó recusou: *Eu o sei, meu filho, eu o sei: este também será chefe de povos, e se multiplicará, mas seu irmão mais novo será maior do que ele, e a sua descendência se tornará uma multidão de nações.* (Gen 48, 19). O espírito de profecia, portanto, tocou a alma do profeta para lhe fazer ver igualmente o presente e o futuro, pois Jacó declara aquilo que deveria acontecer muito tempo depois, e que ele reconhece, pelo mesmo espírito, aquilo que estava diante dele, embora não pudesse ver com os olhos do corpo. O espírito de profecia tocou, também, a alma do profeta Abias para lhe fazer ver o presente e o futuro, pois embora seus olhos estivessem escurecidos, ele não deixa de reconhecer a esposa de Jeroboão, que se fazia passar por outra pessoa, e lhe declara tudo aquilo que devia acontecer no futuro, dizendo: *Entra, mulher de Jeroboão; para que finges tu ser outra? Eu fui enviado para te dar uma triste nova. Vai e dize a Jeroboão: Eis o que diz o Senhor, Deus de Israel: fizeste maiores males do que todos quantos tem havido antes de ti, e fabricaste para ti deuses estrangeiros e fundidos, para me provocares a ira, e a mim lançaste-me para trás das costas.*

Por isso eu farei cair males sobre a casa de Jeroboão. (I Reis 14, 6-10). Este profeta seguramente viu o presente e o futuro, pois que ele descobriu, apenas com a visão interior, quem era aquela que entrava, e lhe revelou aquilo que lhe haveria de acontecer.

8. Algumas vezes, também, o Espírito de Deus faz o profeta ver o passado, o presente e o futuro. Foi assim que Elizabete, vendo a Virgem Maria vindo até ela, reconheceu que ela tinha concebido o Verbo Encarnado, e ela começa a lhe honrar com o glorioso título de Mãe de seu Senhor, dizendo: *Donde a mim esta dita, que a mãe do meu Senhor venha ter comigo?* (Lc 1, 43). Foi assim que o anjo disse também a São José, lhe revelando o mesmo mistério da Encarnação: *Aquele que ela concebeu, foi formado pelo Espírito Santo.* (Mt 1, 20). Foi assim, ainda, que Elizabete disse: *Bem-aventurada a que acreditou, porque se hão-de cumprir as coisas que da parte do Senhor foram ditas.* (Lc 1, 45). Ao dizer *Bem-aventurada a que acreditou*, Isabel faz ver que compreendeu, pelo espírito de profecia, as palavras que o Anjo tinha dito, assim como ao acrescentar: *porque se hão-de cumprir as coisas que da parte do Senhor foram ditas*, ela demonstra que ainda viu, por um conhecimento do futuro, aquilo que haveria de se suceder. De onde nós observamos que esta santa teve, ao mesmo tempo, o espírito de profecia do passado, do presente e do futuro. Do passado, pelo fato de que ela (Elizabete) descobriu a fé que (a Virgem Maria) teve nas promessas do Anjo; do presente, pelo fato de que ela reconheceu que a Virgem Maria carregava em seu castíssimo ventre o Salvador do mundo; e do futuro, pelo fato de que ela assegura que tudo aquilo que fora predito pelo Anjo seria cumprido.

9. Algumas vezes, também, o espírito de profecia faz o homem conhecer as coisas passadas, mas não lhe revela as futuras, como nos aparece em São Paulo mesmo, que ao escrever aos Gálatas, disse: *Eu vos declaro, meus filhos, que o Evangelho que eu vos tenho pregado não contém nada do homem, pois que eu não o recebi de*

nenhum homem, mas por revelação de Jesus Cristo. (Gal 1, 11). É por isso que ele ainda diz em outro lugar aos seus discípulos: *É por revelação que eu recebi os mistérios que vos prego.* (Ef 3, 3). No entanto, quando ele vai a Jerusalém pregar este mesmo Evangelho que ele recebeu por revelação, ele diz: *Levado pelo Espírito, eu vou à Jerusalém, sem saber o que me espera lá.* (At 20, 22). Este mistério que São Paulo pregou não é nada mais que a Encarnação do Filho único do Pai, que se fez homem, foi crucificado, morto e sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, como Ele subiu ao céu quarenta dias depois, estando, assim, à direita de seu Pai. Foi assim que este grande Apóstolo que conheceu o Evangelho por revelação, foi iluminado pelo espírito de profecia em relação às coisas passadas, e, no entanto, ele não recebeu esta mesma graça para descobrir o futuro, uma vez que ele diz não saber o que devia enfrentar pelo mesmo Evangelho. Por vejam como ele fala: *não sabendo as coisas que ali me hão-de acontecer, senão que o Espírito Santo, por todas as cidades, me assegura e diz que me esperam em Jerusalém prisões e tribulações.* (At 20, 22), demonstrando que aquilo que deveria lhe acontecer, e que foi revelado aos outros, não lhe foi revelado a ele próprio. Também vemos isso pelo que foi dito e citado de Agabo que, tomando a cinta do Apóstolo e atando-se os pés e as mãos, disse: *Assim atarão os Judeus em Jerusalém ao homem a quem pertence esta cinta.* (At 21, 11).

10. Algumas vezes, pelo contrário, o espírito de profecia faz conhecer as coisas futuras, mas não faz conhecer as coisas passadas, como aprendemos por esta ação de Eliseu, onde está dito que um discípulo do Profeta, ao cortar a madeira, deixou cair na água o ferro do machado e, gritando, disse a Eliseu: *Ai, meu senhor! Este mesmo o tinha pedido emprestado. E o homem de Deus disse: Onde caiu? Ele mostrou-lhe o lugar. E então Eliseu cortou um pau, lançou-o no mesmo lugar, e o ferro veio acima nadando.* (II Reis 6, 5-6). Vemos por essa resposta do Profeta, que ele previu aquilo que haveria de acontecer e que, no entanto, ele não sabia onde estava caído o ferro, pois ele perguntou onde estava. Assim, deve-se concluir

que o espírito de profecia toca a alma de Eliseu para lhe fazer conhecer as coisas futuras, sem lhe revelar, no entanto, aquilo que aconteceu no passado, pois ele sabia que iria fazer subir na água o ferro que estava no fundo, mas não sabia em que lugar ele estava afundado.

11. Acontece, por vezes, que o espírito de profecia toca a alma do profeta para lhe fazer conhecer as coisas presentes, lhe revelando uma parte e lhe escondendo outra. Isto é o que testemunhamos na história de São Pedro, quando o espírito lhe anuncia que o capitão Cornélio lhe enviou uma comitiva, como aparece nas Escrituras: *Estando Pedro a pensar na visão, disse-lhe o Espirito: Eis três homens que te procuram. Levanta-te, pois, desce e vai com eles sem duvidar, porque fui eu que os enviei. Descendo Pedro para ir ter com os homens, disse: Aqui me tendes, sou eu quem buscais. Qual é a causa por que viestes aqui?* (At 10, 20-21). Onde nós vemos que o Espírito que o fez saber da chegada dos homens, não o revelou o motivo pelo qual vieram, pois que ele pede essa informação. Dessa forma, se lhe revela uma coisa presente, mas apenas uma parte dela, e não lhe revela o resto, pois que o faz conhecer a chegada dos soldados, mas não o faz conhecer o motivo pelo qual vieram.

12. A mesma coisa acontece, ainda, com as coisas futuras. O Espírito Santo revela uma parte dele aos profetas e lhes esconde o restante, como quando os discípulos dos profetas disseram a Eliseu, falando de Elias: *Sabes que o Senhor hoje eleverá o nosso mestre?* (2 Reis 2, 3). E como ele foi elevado muito rapidamente, eles se dividiram e começaram a procurar-lhe no meio das rochas e entre o vale. Vemos que o Espírito Santo lhes fez conhecer uma coisa futura, sem lhes revelar as seguintes, pois que procuravam um homem que eles sabiam que devia ser elevado por Deus, sem saber que seria impossível achá-lo. Foram tocados por uma parte, mas não pela outra, pois sabiam que ele seria elevado, mas não sabiam o que aconteceria depois. Da mesma forma Eliseu, a quem o

Espírito lhe fez ver uma coisa futura, sem lhe revelar tudo, quando ele disse ao Rei de Israel: *Fere a terra com a flecha. Tendo ele ferido três vezes, e parando, o homem de Deus irritou-se contra ele, e disse: Se tivesses ferido a terra cinco, ou seis, ou sete vezes, terias derrotado a Síria até a sua total ruína; agora só a derrotarás três vezes.* (2 Reis 13, 18-19). Ele sabia que o rei derrotaria o exército sírio o mesmo tanto de vezes que ele tinha atirado as flechas sobre a terra, mas ele não sabia quantas vezes o rei iria atirar a flecha, uma vez que ele se irrita com o fato de ter sido apenas três vezes. Por isso, é claro que ele viu o futuro apenas em parte, e em parte não viu. Predisse ao Rei de Israel que ele derrotaria os sírios, mas queria que ele tivesse atirado mais flechas contra a terra. Nós vemos, ainda, a mesma coisa em Samuel, quando o Senhor o envia para sagrar Davi, ao que ele responde: *Como eu irei? Saul saberá e me matará.* (I Reis 16, 2). Entretanto, ele sagra Davi e este não foi morto. Dessa forma, o Espírito de Deus lhe revela uma parte do futuro, sem lhe revelar todo, pois lhe fez saber que ele devia sagrar Davi como rei, mas não sabia que Saul não o mataria.

13. Devemos observar, ainda, que os profetas descobrem, algumas vezes, as coisas que lhe estão próximas, sem descobrir aqueles que estão mais distantes. Outras vezes, pelo contrário, descobrem as coisas distantes, sem ver aquelas que estão mais próximas. E, enfim, há aqueles a quem o Senhor confere o espírito de profecia para descobrir aquilo que está próximo e aquilo que está distante. Pode-se dizer, por exemplo, que Samuel descobriu as coisas próximas sem ver as mais distantes, pois ele advertiu Davi que reencontraria seus jumentos que estavam perdidos e, em seguida, ele declara que Davi lhe sucederia no reino, sem saber, no entanto, que o mesmo Davi seria pai do Rei Eterno. Davi, pelo contrário, viu as coisas mais distantes, sem ver as mais próximas, pois testemunha que Deus lhe havia revelado a Encarnação do Verbo Divino, ao dizer, falando da Judéia: *Um homem nela nasceu, e é este mesmo homem todo-poderoso que a fundou.* (Sl 86, 5). Ele previu, da mesma forma, que o Filho

único do Pai subiria ao céu e estaria à sua direita, pois que diz: *O Senhor disse ao meu Senhor: senta-te à minha direita.* (Sl 109, 1). E, no entanto, o mesmo Davi não pôde prever mais coisas, sejam as próximas ou mesmo as coisas presentes. Eu darei apenas alguns exemplos, dentre vários. Ele não sabia que Ziba, servo de Mefibosete, mentia para seu senhor (2 Samuel 19, 27), e, ainda, fez esta promessa para Amasa: *Que Deus me trate com toda a severidade tanto quanto eu viver, se eu não vos fizer general de meus exércitos no lugar de Joab.* (2 Samuel 19, 13), mas não sabia que esse mesmo Amasa, longe de se tornar general do exército no lugar de Joab, seria morto por Joab pouco tempo depois. E quando quis construir o Templo, não sabendo Davi qual era a vontade de Deus, consulta um outro profeta para que lhe esclareça.

14. Há profetas que vêem tanto as coisas próximas quanto as coisas distantes. Como Isaías, que previu o mistério da Encarnação muito tempo antes dele acontecer, quando disse: *Uma Virgem conceberá e dará luz a um filho, que se chamará Emanuel* (Is 7, 14), e fala, ainda, sobre o mesmo mistério quando diz: *Porquanto um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado, e foi posto o principado sobre o seu ombro; chama-se Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai eterno, Príncipe da paz. O seu império se estenderá cada vez mais, e a paz não terá fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino.* (Is 9, 6). O espírito de profecia tocou o profeta para que ele conhecesse o que deveria acontecer com o rei Ezequias, pois lhe predisse que ele se recuperaria de sua enfermidade e que ainda reinaria algum tempo após ela. (Is 38, 5)

15. Acontece frequentemente de os profetas serem desprovidos desse Espírito de profecia. Ele não está sempre presente, a fim de que o profeta, vendo-se por vezes dele privado, reconheça que sua posse não é senão fruto de um dom divino. De onde vemos o que disse Eliseu, após Giezi, seu servo, querer afastar a sunamita que se jogou aos seus pés: *Deixe-a, pois a sua alma está*

cheia de aflição, e o Senhor me oculta o motivo, nada me revelou (II Reis 4, 27). Por isso, ainda, que quando o mesmo profeta foi consultado por Josafá, rei da Judéia, para saber qual seria o resultado da guerra que travava, sabendo que não tinha, então, esse espírito de profecia, fez vir até ele um tocador de harpa, a fim de que o canto dos salmos e os louvores de Deus, lançaria sobre ele este espírito. Pois o canto dos salmos, unidos à uma verdadeira devoção, prepara o caminho para que o Senhor venha até a alma que se dirige a Ele, a fim de lhe comunicar a graça da compunção ou os mistérios da profecia. É por isso que está escrito: *O sacrifício de louvor me honrará, e é por meio dele que farei vir ao homem a salvação de Deus* (Sl 49, 23). A palavra salvação ou Salvador está encerrada no nome hebreu Jesus, de sorte que é nesse sacrifício de louvor que se encontra o caminho pelo qual se descobre o Salvador. Com efeito, quando somos tocados interiormente pelo canto da salmodia, é como um caminho e uma via que se prepara no nosso coração, a fim de nos conduzir à Jesus Cristo. Eis porque ele mesmo diz, falando da maneira na qual ele se manifesta em nós: *Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu o amarei e me mostrarei a ele.* (Jo 14, 21). É por isso, ainda, que está escrito em outro lugar: *Cantai a Deus, entoai salmos ao seu nome; aplanai o caminho àquele que avança pelo deserto, cujo nome é Senhor.* (Sl 67, 5). Com efeito, ele avança sobre o ocaso, pois que sepultou a morte pela ressurreição, e quando cantamos seus louvores, preparamos um caminho para ele venha em nosso coração, a fim de que nos inflame por sua graça e seu amor. Mas vemos, ainda, que o espírito de profecia não está sempre no profeta como, por exemplo, este homem de Deus que foi enviado à Samaria para declarar os males dos quais fora ameaçado, pois que Deus o havia proibido de comer qualquer coisa em sua viagem (1 Reis 13), e não deixa de ficar confuso pela persuasão de um falso profeta (1 Reis 18, 19). Pois um discurso assim, tão cheio de imposturas, não seria jamais capaz de lhe surpreender, se ele estivesse na presença de um espírito de profecia.

16. Devemos ainda observar, que mesmo os santos que têm o espírito de profecia, estavam tão acostumados a profetizar, que não deixavam, por vezes, de falar por seu próprio espírito, sobre coisas das quais eram consultados, imaginando que falavam pelo espírito de profecia. Mas como eles são santos, eram bem advertidos pelo Espírito Santo e aprendiam qual era a verdade, corrigindo-se e reconhecendo que que aquilo que pensavam terem bem dito, era falso. É o que vemos pelo exemplo de Natã. Ninguém duvida que este profeta foi um santo, e a Escritura nos revela com qual firmeza ele reprime Davi pelo seu crime, declarando, ao mesmo tempo, quais os males com que Deus o devia punir. No entanto, quando Davi o consulta sobre o seu desejo de construir um templo ao Senhor, ele de início responde: *Vai e faz tudo o que está em vosso espírito, pois o Senhor está contigo* (II Samuel 7, 3-4). Mas a Escritura acrescenta também: *Na noite seguinte, o Senhor fala a Natã e lhe diz: "Ide encontrar meu servo Davi e diz a ele: Eis o que diz o Senhor: construirá para mim uma casa, para que eu a habite? Depois que tirei do Egito os filhos de Israel, até os dias de hoje, eu não tenho nenhuma casa.* E um pouco depois: *Quando se completarem os teus dias, e dormires com teus pais, suscitarei depois de ti a tua posteridade, que nascerá de ti, e firmarei o seu reino. Ele edificará uma casa em meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono de seu reino.* (2 Samuel 7, 12-13). Vemos, então, que Natã, que era profeta, e que tinha dito de início ao rei: *Vai e faze tudo aquilo que resolveu*, não deixa, em seguida, estando instruído pelo espírito de profecia, de se encontrar contrário aos desejos do rei, e de se retratar daquilo que tinha dito, reconhecendo que tudo aquilo que tinha vindo de seu espírito particular era falso.

17. É por isso que podemos observar a diferença que há entre o verdadeiro do falso profeta. Pois se ocorre que, por vezes, os verdadeiros profetas dizem coisas por si mesmos, falando aos ouvintes, eles não deixam de afastar aquilo de seu espírito, tão logo Deus os faz conhecer a verdade. Os falsos

profetas, pelo contrário, tendo difundido suas falsas previsões, por um espírito oposto ao Espírito Santo, perduram em seus erros.

18. Eis o que diz respeito a diferença dos tempos e dos modos da profecia. Devemos agora considerar com qual sabedoria Deus dispensa os efeitos de sua cólera, pelo bem e proveito do gênero humano. Frequentemente o povo de Israel ofendeu seu soberano Criador, e é por isso que ele foi reduzido à escravo do rei da Babilônia. Durante esse tempo, o profeta Ezequiel é levado com eles, ele que a graça tornou tão agradável a Deus, e que podia prever as coisas futuras e consolar este povo acabrunhado de males. Consideremos, portanto, se somos capazes, como grande é a moderação e a sabedoria dessa suprema bondade, que se ira contra seu povo, sem, entretanto, ter uma ira absoluta. Pois se Ele não estivesse irado contra eles, não os teria deixado levar em cativeiro, e se sua cólera fosse absoluta, não teria enviado seus eleitos em cativeiro com o povo. É isso que nos deve levar a admirar a grandeza da misericórdia de Deus, que se serve das mesmas coisas pelas quais castiga os homens carnais, para fortalecer a virtude dos homens espirituais. E ao mesmo tempo que ele purifica uns pela aflição, ele dispõe outros a merecer as mais grandes graças, pela união que eles têm com os mais aflitos. Ele se mete em cólera contra os malfeitores, sem, contudo, deixar de consolá-los com a presença dos justos, pois se Ele os abandonasse inteiramente, eles não poderiam retornar ao arrependimento de suas faltas. Assim se pode dizer que Deus rejeita os pecadores os recebendo e os recebe rejeitando-os, pois ele envolve na mesma calamidade aquele que ama e aquele que castiga. Quem poderá jamais compreender os excessos de uma tamanha bondade, vendo que o Senhor, que não pode deixar sem punir as faltas de seu povo, não pode, no entanto, decidir abandoná-lo completamente. É isto que podemos observar, ainda, nos livros de Moisés, quando ele envia doze homens para explorar a terra prometida, dos quais dez acenderam a murmuração entre o povo, que começou a dizer que

Deus os havia enganado e que eles não haviam chegado na terra senão para perdê-la e ter seus corpos estendidos no deserto, sem sepultura. Esta ingratidão irrita Deus, que é todo-poderoso, e na sua cólera, ele pronuncia contra eles essa sentença: *que todos aqueles que o irritaram, não entrarão na terra que Ele lhes prometeu* (Num 14, 42). O medo lhes tocou o arrependimento e eles reconheceram que haviam feito o mal, e tendo muito chorado, tomaram suas armas e começaram a marchar contra o inimigo, imaginando que após terem derramado tantas lágrimas nada lhe poderia impedir de entrar na terra pela qual esperavam. Mas o Senhor, falando pela boca de Moisés, lhes disse: *Guardai-vos de avançar ou de combater, pois eu não estou mais convosco, e vós sucumbireis diante do inimigo.* (Deut 1, 42). Aqui podemos nos perguntar se Deus os havia abandonado, porque toma o cuidado de lhes dizer para não avançar, pois seriam derrotados; e se Ele não os havia abandonado, pois Ele diz: *Eu não estou mais convosco*. Mas Ele estava com eles e não estava; e isto por um maravilhoso temperamento de justiça e misericórdia. Ele não estava mais com eles para lhes tornar vitoriosos com sua presença, mas Ele estava com eles, para impedir que fossem derrotados pelos inimigos. Ó piedade terna e inefável. Ela castiga as faltas e, no entanto, coloca os culpados sobre sua proteção. Ele testemunha que está em cólera contra eles, mas não deixa de os defender de seus inimigos. Deus fez aquilo como uma boa mãe que se ira contra seu filho que é ainda jovem, ela o repreende, ela lhe mostra indignação, e ela o castiga; no entanto, se ela o vê cair e em perigo de quebrar o pescoço, ela o toma na mão, e o retira; e após se colocar em cólera contra ele, e o ter castigado como se ela não o amasse mais, ela é vencida por seu amor e o impede de cair como se jamais o tivesse castigado.

19. Eis o que eu pensei que devia representar nesse primeiro discurso, que tem o lugar de prefácio. Eu vos quis refletir sobre o meu navio no porto, antes de me lançar em alto mar, e de meter a vela ao vento, para entrar nestes altos mistérios da profecia que eu desejo vos explicar. Mas eu não o farei pelas

minhas próprias forças, e coloco toda a minha confiança naquele que torna eloquente a língua das crianças (Sb 10); pois o Espírito do Senhor encheu toda a face da terra e como ele tudo contém (Sb 1, 7), ele é também mestre de nosso discurso. Pois Deus, o Filho, que é todo-poderoso, é a palavra do Pai, que também é todo-poderoso, e porque é sobre ele que nos entretemos a falar aqui, não podemos ficar mudos. Este Verbo todo-poderoso, que bem quis revestir-se de nossa natureza, por nosso amor, nos propiciará Ele mesmo os termos dos quais teremos necessidade para falar sobre Ele, Ele que vive e reina com seu Pai, na união do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amén.